

# PRÁTICA DE LEITURA E DE ESCRITA NO CECA / CEJLL / UNICARIOCA

Renata Barcellos (CECA/CEJLL/UNICARIOCA)  
[prof.renatabarcellos@gmail.com](mailto:prof.renatabarcellos@gmail.com)

## RESUMO

O minicurso tem por objetivo refletir sobre o uso de textos literário em sala de aula, propor atividades de análise e produção deles. Para isso, a Biblioteca escolar é lugar não só de empréstimo como também de encontros para pesquisa e ação cultural (sarau). A sala de aula, o pátio ou a Biblioteca devem ser os espaços motivadores e democráticos para elaboração de atividades como paráfrase, retextualização e discussões em grupo, pesquisas escolares, saraus, exposições. Como o objetivo de proporcionar momentos de reflexão, de análise, de crítica, de comparação e de prazer à comunidade do CECA, NAVE e UNICARIOCA, pretende-se resgatar e desenvolver o hábito de leitura de textos diversos, principalmente o literário: poesias, contos, crônicas e, por consequência, desperte manifestações artísticas, tais como: música, dança e teatro. Promovendo o incentivo à leitura, atraindo a comunidade escolar para a biblioteca, estimula-se e aprimora-se a capacidade linguística, a produção textual, a valorização e o fortalecimento da relação interpessoal e do respeito e o desenvolvimento e o interesse por autores, escritores e poetas. Assim, a escola deve viabilizar o acesso do aluno à literatura especializada, aos vídeos, às atividades de teatro de sua comunidade. Saber ver, apreciar, comentar e fazer juízo crítico devem ser igualmente fomentados na experiência escolar (*Parâmetros Curriculares Nacionais*, 1997, p. 57). Segundo Paulo da Terra Caldeira (2003, p. 47), a biblioteca escolar visa “[...] proporcionar aos alunos oportunidades de leitura intensa e autônoma, além de incentivar a busca de informação para responder a questionamentos e solucionar problemas [...]”. Acredita-se que a leitura seja o mais importante elemento do imaginário. Ler significa refletir, pensar, estar a favor ou contra, comentar, trocar opiniões, posicionar-se, enfim, exercer desde cedo a cidadania. Dessa forma, Isabel Solé (2008, p. 22) define leitura como “ um processo de interação entre o leitor e o texto” e Marisa Lajolo (1996) como a estratégia eficaz na construção de conhecimento, sendo praticada pelos alunos de diversas formas e método.

**Palavras-chave:** Sarau literário. Biblioteca escolar. Prática de leitura e escrita

## 1. Introdução

A escola é uma instituição onde o aluno navega no mundo das múltiplas linguagens. Cabe ao professor desenvolver as diversas habilidades e competências de leitura/escrita por meio da utilização de textos de modos e de gêneros variados. Nessa perspectiva, é preciso refletir sobre as estratégias necessárias a serem postas em prática a fim de que estimule e incentive a leitura e a escrita.

1 De acordo com Irandé Antunes (2009), este processo deve ocorrer:  
2 a) pelo estímulo a uma cultura do livro; b) pela fartura de um bom e  
3 diversificado material de leitura; c) pelo acesso fácil e bem orientado a  
4 esse material; d) pela diversidade de objetivos de leitura; e) pela frequên-  
5 cia de atividades de ler e de analisar materiais escritos; f) pela formação  
6 do gosto estético na convivência com a literatura.

7 Cabe ao professor estimular a prática de leitura e de escrita. Cons-  
8 tantemente, propor textos literários ou não, de temáticas diversas para re-  
9 flexão de algum tema socialmente discutido. E como uma das atividades  
10 a elaboração de um texto. Nesta perspectiva, leitura é “um processo de  
11 interação entre o leitor e o texto” (SOLÉ, 2008, p. 22). O leitor interage  
12 com o texto, reflete, concorda, discorda, debate, redige suas percepções,  
13 e o professor o orienta quando necessário a fim de não interferir em seu  
14 voo.

15 A leitura de texto literário ou não é um caminho para a inserção  
16 na sociedade e a compreensão dela. A importância do seu uso na sala de  
17 aula é ressaltada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Por-  
18 tuguesa “É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorpo-  
19 rado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma  
20 específica de conhecimento” (1998, p. 36-7). É preciso conscientizar o  
21 aluno de que o poeta/escritor registrou seu olhar sobre o mundo observa-  
22 do, vivenciado... Por isso, faz-se necessário entender o contexto históri-  
23 co.

## 24

### 25 **2. *Leitura e escrita na sala de aula: um desafio a ser superado***

26 Hoje, em plena era tecnológica, é um enorme desafio para o pro-  
27 fessor trabalhar leitura e escrita em sala de aula. Muitos alunos não veem  
28 sentido em ler texto literário, em ir a espaços culturais para apreciar uma  
29 obra de arte.... e muito menos em escrever em norma culta como exige  
30 alguns gêneros textuais. Com o advento das redes sociais, surgiu o inter-  
31 netês, um modo simplificado de expressar-se com mais rapidez. E, como  
32 consequência, o repúdio à gramática e à prática da escrita, sobretudo na  
33 norma culta. Para os alunos, se está escrito e foi transmitida uma mensa-  
34 gem, é isso que interessa. Com isso, o professor tem um longo caminho a  
35 trilhar: conscientizar o aluno a respeito da adequação vocabular, dos ní-  
36 veis de linguagem e da prática da elaboração de textos. Afinal, só se es-  
37 creve bem, escrevendo.

1           Dessa forma, em sala de aula, o professor deve propor temáticas  
2 que façam sentido ao aluno para que possam produzir textos. Conforme  
3 João Wanderley Geraldi (2001), isso “deve emergir de um processo”.  
4 Cabe ressaltar que redigir um texto e produzi-lo são ações distintas. Nes-  
5 te sentido, quando um professor propõe uma produção textual, um traba-  
6 lho já foi realizado previamente sobre a temática. Ao passo que redigir, o  
7 professor passa um tema, mas não propõe atividade prévias, contextuali-  
8 zadoras.

9           De acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, a finali-  
10 dade da produção de textos é tornar o aluno capaz de “produzir textos  
11 coerentes, coesos e eficazes” (1997, p. 65). A escrita deve ser vista como  
12 uma prática, uma organização e sistematização do pensamento. Infeliz-  
13 mente, a escola ainda é o lugar onde se escreve muitas vezes sem motivo  
14 algum. Assim, a limitação ao escrever leva muitos alunos a detestar a es-  
15 crita e, conseqüentemente, a leitura. Escrever e ler o que é proposto pela  
16 escola passam a não fazer sentido. Como se a vida não fosse um mergu-  
17 lho na escrita (lista de compras, recados, relatórios...) e na leitura cons-  
18 tante da natureza (como está o tempo?), das pessoas (“ih, ela parece abor-  
19 recida”), do sinal de trânsito (vermelho: “posso atravessar”...).

20           De acordo com João Wanderley Geraldi, a produção textual tem  
21 um caráter extremamente interlocutório. A função do professor é de lei-  
22 tor/interlocutor e não apenas de um avaliador. Quando se restringe a esta  
23 função, corrige a forma do texto (erros ortográficos, gramaticais etc.),  
24 preocupando-se apenas com a “higienização” (MENDONÇA, 2001, p.  
25 251). Contudo, urge o aluno encontrar na figura do professor o seu inter-  
26 locutor – alguém que possa receber o seu texto para co-produzi-lo e aju-  
27 dá-lo no processo de escrita. Assim, com a releitura de seu texto, assume  
28 o papel de protagonista no processo de escrita. O aluno-escritor bem ori-  
29 entado, na hora da revisão, é capaz de colocar-se no lugar do outro para  
30 ler seu próprio texto.

### 31 32 **3. Práticas de leitura e de escrita: sugestões**

33           As atividades a serem apresentadas a seguir foram realizadas em  
34 duas escolas de horário integral da Rede Estadual do Rio de Janeiro: Co-  
35 légio Estadual Chico Anysio (CECA) e Colégio Estadual José Leite Lo-  
36 pes (NAVE) e na Unicarioca com alunos de diversos cursos (Jornalismo  
37 – Publicidade – RH, TI, Pedagogia ... do primeiro semestre do curso de  
38 Comunicação e expressão e de Oficinas). As turmas são de segundo e

1 terceiro ano do ensino médio e do primeiro ao quarto períodos da facul-  
2 dade.

3 1- No primeiro bimestre e período, a partir da leitura do livro *Cem*  
4 *Anos de Solidão* de Gabriel Garcia Marques, os alunos da Uni-  
5 carioca e do CECA fizeram retextualização e paráfrase. Cabe  
6 ressaltar que alguns trabalhos de alunos do CECA ficarem em  
7 exposição no Centro Cultural do Tribunal Regional do Trabalho  
8 (de 7/3 a 30/3 de 2017).

9 2- Resenha sobre o filme Nerve. A partir dos casos divulgados pela  
10 mídia de jovens que entram no jogo da Baleia Azul

11 Etapas

12 1- dados sobre o filme - 2 resumo - 3 crítica - 4 dados do resenhista

13

14 3- No segundo bimestre, no NAVE, realizaram retextualização de  
15 *O Cortiço*

16 1-Aluísio de Azevedo, um grande escritor  
17 Em 1890 um livro publicou  
18 Numa bela e brilhante obra  
19 O Cortiço revelou

20 Neste lugar sucede  
21 Uma grande exploração  
22 Onde todos se entregam  
23 A essa conturbação

24 João Romão, um homem avarento  
25 Reconhece o seu defeito  
26 E declara a Bertoleza  
27 Um casamento desfeito

28 Bertoleza se irrita  
29 E logo se expressa  
30 Mostrando a João Romão  
31 Verídica devoção

32 Reconhecendo seu amor por Romão  
33 E assim comprova do amado  
34 Tamanha ingratidão  
35 Sabendo que predominava sua verdadeira ambição

36 Sua mente na escravidão  
37 Sabendo que a avareza o induziu  
38 João Romão se decidiu  
39 E a carta entregou

1 Para ficar com o diploma  
2 Que através dela conquistou  
3 Entre tramas e conflitos  
4 Prevalece o realismo  
5 Retrato na história  
6 Com bravura e heroísmo – Wanessa Lima  
7  
8 2- João "São" Romão  
9 Português, empregado de taverna e boteco  
10 Demitido, e com salário atrasado  
11 De 1 500 contos de reis  
12 Comprou uma pedreira  
13 Terrenos e largados de Botafogo  
14 Com Bertoleza sua fiel companheira, amante e criada  
15 Da qual a escrava libertou de um mineiro  
16 Cujo nem a conhecia  
17 Fostes de grande ajuda nos furtos e negócios  
18 O cortiço se cria com mais de 50 casinhas  
19 Vários portugueses e nativos o habitam  
20 O tornam seu lar  
21 Um certo dia aparece um burguês  
22 Miranda um velho fajuto  
23 Que nem sua esposa cuidava  
24 De olho nas terras de Romão  
25 Tentou negociar  
26 João ambicioso, de nada queria  
27 O cortiço para ele era o tesouro de sua vida  
28 Miranda pai de dois filhos  
29 Sua filha Zulmira, ainda era bela e virgem  
30 E odiada tanto pelo pai quanto a mãe  
31 Henrique, seu filho adotado, vindo de comerciantes  
32 Estudioso, elegante e amado  
33 Com eles vivia um ex comerciante de escravos  
34 Velho Botelho, amigo de confiança a Miranda  
35 De tudo que acontecia  
36 O cacoete aparecia  
37 No Cortiço muitos viviam  
38 Pedreiros, caxeiros, pescadores  
39 Até mesmo tiras  
40 Mulher de casa então  
41 O que mais se tinha  
42 No meio delas uma "bruxa"  
43 Um dia se mudam um casal de portugueses  
44 Jerônimo e Piedade  
45 Tão Jovens como muitos por aí

1 Cantavam e dançavam todas as noites  
 2 Comemoravam cada dia que se tinham  
 3 Henrique e Dona Estela  
 4 Mulher de Miranda  
 5 Viviam ae agarrando aos comes e escondes  
 6 No fundo do quintal  
 7 Botelho de tudo sabia  
 8 Protegia o jovem e sempre o aconselhava sobre o perigo cujo corria  
 9 Um dia aparece uma mulata  
 10 Tão linda a flor dos homens e mulheres  
 11 Ex moradora do cortiço  
 12 A mulher que fez jeronimo finalmente tomar café  
 13 E adquirir os hábitos brasileiros  
 14 Romão pão duro até o diabo  
 15 Nem o peixe mais comprava  
 16 Mais econômico que um judeu  
 17 Irritado com o Título nobre que Miranda ganhava  
 18 O novo Barão de Botafogo  
 19 Seu rival e inimigo  
 20 Agora seu soberano  
 21 João ardia de ódio, raiva e repugnância  
 22 Aos infernos da Terra queria tacar Miranda  
 23 Então São Romão decides aumentar sua posição  
 24 A vista do social  
 25 A vila estava em caos  
 26 Jeronimo amando Rita, a Baiana  
 27 Piedade desesperada  
 28 Todo o Cortiço muda  
 29 Devido ao caráter de João  
 30 Expulsando todos pobres e mal assalariados  
 31 Que estava ao ponto de se casar com Zulmira  
 32 A Filha de Miranda  
 33 Só para opor-se a quem tanto disputava  
 34 Para livrar-se de todos problemas  
 35 Romão denuncia Zulmira a um comerciante escravocrata  
 36 Obrigando-a a um suicídio  
 37 Para não perder sua liberdade – Pedro Nunes

38

39 4- Vídeos disponibilizados no grupo da turma 2002 do Nave no  
 40 Facebook  
 41 [https://www.facebook.com/LuizJVNeto/videos/1326203204161](https://www.facebook.com/LuizJVNeto/videos/1326203204161432/)  
 42 [432/](https://www.facebook.com/LuizJVNeto/videos/1326203204161432/)

43 5- Teatro com fragmentos de O cortiço do CECA.

1 6- Para encerramento do semestre, foi proposto no CECA e no Na-  
2 ve, um sarau com poesia e música. A proposta foi cada um levar  
3 um texto que lhe representasse e, depois da declamação, justifi-  
4 casse a escolha.

#### 6 4. *Considerações finais*

7 É fundamental ressaltar que os textos selecionados despertem in-  
8 teresse no aluno. O professor deve esclarecer o motivo pelo qual fez de-  
9 terminada escolha. Por exemplo, *Cem Anos de Solidão* foi por causa do  
10 ano de comemoração desta obra do autor Gabriel Garcia Marques. E  
11 conscientizar de que as obras clássicas pertencentes às escolas literárias  
12 são necessárias para entender-se o homem no seu tempo e seus anseios. É  
13 preciso que o aluno perceba a leitura como fonte de conhecimento histó-  
14 rico, psicológico... E a importância dela para uma boa produção textual.  
15 Ao ler, não só se adquire conhecimento como também novos vocabulá-  
16 rios, construções frasais, recursos estilísticos, intertextualidades...

17 Nas aulas de língua portuguesa, o texto deve estar sempre presen-  
18 te para leitura, reflexão, debate, produção e análise de sua construção. A  
19 partir dele, devem ser propostas atividades variadas: da interpretação à  
20 elaboração de outro texto a partir da temática ali tratada. O professor de-  
21 ve entender a leitura como prática intrínseca à sala de aula. Nessa pers-  
22 pectiva, o texto literário ou não pode ser o despertar necessário para o es-  
23 tímulo ao prazer da leitura e, conseqüentemente, ao enriquecimento vo-  
24 cabular e ao desenvolvimento da competência da leitura e da escrita.

#### 25 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

27 ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino*: outra escola possível. São  
28 Paulo: Parábola, 2009.

29 BESEN, Teresinha Bunn. O movimento do texto numa experiência inter-  
30 disciplinar. *Revista de Divulgação Cultural*, ano 24, n. 76, p. 91-95,  
31 jan./abr.2002. Disponível em:

32 <[http://www.portalnepsul.com.br/admin/uploads/2002/Educacao\\_infa](http://www.portalnepsul.com.br/admin/uploads/2002/Educacao_infa)  
33 [ncia\\_e\\_juventude/Trabalho/06\\_58\\_52\\_t441.pdf](http://www.portalnepsul.com.br/admin/uploads/2002/Educacao_infa)>.

34 BORTOLOTTI, Nelita. *A interlocução na sala de aula*. São Paulo: Mar-  
35 tins Fontes, 2005.

- 1 BRASIL. MEC. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa.*  
2 Brasília: MEC/SEB, 1998. Disponível em:  
3 <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em:  
4 05-11-2013.
- 5 \_\_\_\_\_ . *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa: 1º e 2º*  
6 *ciclos.* Brasília: SEF, 1997.
- 7 CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística.* São Paulo: Scipio-  
8 ne, 1994.
- 9 CALDEIRA, Paulo da Terra. O espaço físico da biblioteca. In: CAM-  
10 PELLO, Bernadete Santos. *A biblioteca escolar: temas para uma prática*  
11 *pedagógica.* 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 47-50.
- 12 DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. A interação sujeito-linguagem em  
13 leitura. In: MAGALHÃES, Maria Izabel. (Org.). *As múltiplas facetas da*  
14 *linguagem.* Brasília: UnB, 1996, p. 69-75
- 15 FRANCISCHINI, Rosângela. As operações cognitivo-discursivas na  
16 produção do texto escrito em séries iniciais de escolarização. *Temas em*  
17 *Psicologia da SBP*, vol. 8, n. 1, p. 67-77, 2000.
- 18 GAINOUX, Aline de Azevedo. O texto literário na escola. *Palimpsesto*-  
19 Rio de Janeiro, n. 19, p. 495-502, out./nov.2014. Disponível em:  
20 <<http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num19/estudos/palimpsesto19e>  
21 [studos07.pdf](http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num19/estudos/palimpsesto19e)>.
- 22 GERALDI, João Wanderley. (Org.). *O texto na sala de aula.* 4. ed. São  
23 Paulo: Ática, 2008.
- 24 GRANDINI, Márcia Regina Ferraro. A produção escrita e o aluno como  
25 leitor do texto do outro, em sala de aula. *Leitura: Teoria e Prática*, ano  
26 21, n. 4, p. 17-27, set.2001.
- 27 LAJOLO, Marisa. Livro didático: um (quase) manual de usuário. *Em*  
28 *Aberto*, Brasília, n. 69, v. 16, p. 3-9, jan./mar. 1996. Disponível em:  
29 <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2061/2030>>.
- 30 MARINHO, Janice Helena Chaves. A produção de textos escritos. In: D  
31 DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret; MENDES, Eliana Amarante de  
32 Mendonça. (Orgs.). *Reflexões sobre a língua portuguesa: ensino e pes-*  
33 *quisa.* Campinas: Pontes, 1997, p. 87-95.

- 1 MENDONÇA, Marina Célia. Língua e ensino: políticas de fechamento.  
2 In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Org.). Introdução  
3 à linguística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001, p. 233-264.
- 4 SERCUNDES, Maria Madalena Iwamoto. Ensinando a escrever. In:  
5 GERALDI, João Wanderley; CITELLI, Beatriz. *Aprender e ensinar com*  
6 *textos dos alunos*. São Paulo: Cortez, 1997, p. 75-97.
- 7 SILVA, Marilice Pompeu da. Interação e interdisciplinaridade: pilares da  
8 produção textual no ensino fundamental. Maringá: UEM, 2004.
- 9 SOARES, Magda Becker. Aprender a escrever, ensinar a escrever. In:  
10 ZACCUR, Edwiges. (Org.). *A magia da linguagem*. 2. ed. Rio de Janeiro:  
11 DP&A/SEPE, 2001, p. 49-73.
- 12 SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- 13 VYGOTSKY, Lev Semyonovich. *A formação social da mente*. 2. ed. São  
14 Paulo: Martins Fontes, 1988.